

Rui Garcia sempre quis ser padeiro

Recriou uma fachada alentejana dentro da confeitaria. O resultado foi uma esplanada interior “num país onde o sol se vê uma vez por ano”

ANA CRISTINA PEREIRA

“Num país onde o sol se vê uma vez por ano”, Rui Garcia recriou uma esplanada alentejana abrigada por todos os lados e conquistou uma clientela “portuguesa, belga, italiana, espanhola”. “Até o príncipe Lourenço manda buscar coisas” à sua padaria-confeitaria. E Carvalho Rodrigues, da NATO, é cliente certo.

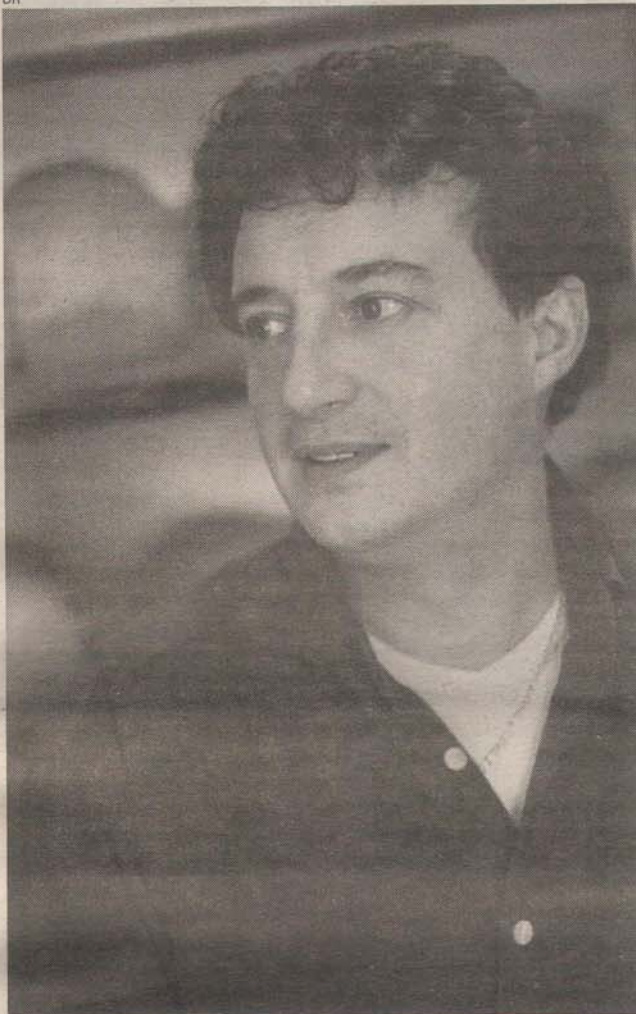
Ainda gaiato, infiltrava-se nas cozinhas, reduto de mulheres, a fazer bolos. Aos 13 anos, abandonou a escola e meteu a mão na massa. Aprendiz de padeiro, trabalhava em troca do pão que levava para casa. Deixou Lavre, Montemor-o-Novo, em 1988. “Só quem emigrava conseguia mudar de vida”.

Ainda ponderou a Suíça, onde morava um primo. “Um senhor que fazia transportes” falou-lhe de um “padeiro português” na Bélgica e Rui Garcia arriscou. Trabalhou seis meses, três sem receber, para o falido compatriota. E comeu o pão que o diabo amassou: “Às vezes, chegava à noite e não sabia onde ia dormir, não havia contrato de trabalho para Portugal”.

O último “patrão” de Rui Garcia foi um belga. O padeiro fez-lhe “os papéis” para o legalizar, “mas vieram recusados”. Houve “um controlo” policial, um regresso momentâneo ao Alentejo e um expediente então típico: tornou-se trabalhador independente para obter autorização de residência.

Rui Garcia “descontava como independente e trabalhava como empregado”, mas pôde levar para perto de si a sua amada alentejana. A grande oportunidade de negócio surgiu em 1990. Viu um edifício à venda em Ixelles, Bruxelas, foi ao banco e conseguiu o empréstimo para abrir a sua padaria. Há três anos, comprou o prédio

DR



Rui Garcia chegou à Bélgica em 1988

contíguo, abriu a confeitaria: de um lado, uma fachada alentejana com porta e janelas verdadeiras; do outro, uma fonte a jorrar.

Elogiosos recortes de imprensa cobrem um painel ao lado do balcão da singular pastelaria. O padeiro, agora com 41 anos, sente-se valorizado.

É um dos cerca de 300 empresários portugueses a operar no sector belga da restauração e hotelaria. Aluga quartos no piso superior (ver caixa). E os seus filhos, de 13 e seis anos, até convivem com

os filhos dos eurocratas na secção portuguesa da Escola Europeia.

No ecrã do seu televisor, Rui Garcia observa, não sem pesar, a crise económica que grassa em Portugal. E comprova-a no dia-a-dia, através de portugueses que continuam a chegar. Quando se lhe pergunta se aspira ao regresso, retorque: “Claro!”. Embora vender o negócio lhe soe a “abandonar um filho”. Talvez lá para os 65 arranje um gerente e torne ao Alentejo, talvez os netos o prendam... ■

Perfil